

Reflexões sobre a língua como instituição social em “A vida da linguagem”, de W. D. Whitney (2010)

Kátia Regina Gonçalves de Deus*
Emily Gonçalves de Medeiros Ferreira**
Rafaelle de Freitas Oliveira Araújo***

RESUMO

Neste artigo, examinam-se os principais conceitos teóricos explorados no livro *A vida da linguagem*, de William Dwight Whitney (2010), com foco em suas considerações a respeito da língua como um fato ou instituição social. Trata-se de um estudo de natureza bibliográfica, em que se busca descrever e interpretar os fatos sociais da linguagem conforme apresentados na obra. As análises apoiam-se nos estudos de Silva (2012) e Silva e Milani (2013) sobre a biobibliografia de Whitney. Em um primeiro momento, discute-se a abordagem de noções fundamentais da obra, a saber: *linguagem*, *língua*, *pensamento* e *signo*. Em um segundo momento, descreve-se a língua como fato ou instituição social segundo os postulados do autor. Argumenta-se que, na teoria de Whitney, a comunicação é o princípio que impulsiona o indivíduo em direção ao desenvolvimento da linguagem. Esse indivíduo é concebido como um ser ativo na sociedade, capaz de agir sobre ela e responsável pela disseminação e pelas transformações

* Doutora e Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharelada em Secretariado Executivo Bilingue pela UFPB. Atualmente, é professora efetiva da UFPB, atuante no curso de Secretariado Executivo Bilingue. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5816-0398>.

** Doutoranda e Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela UFPB. Bolsista do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX/CAPES). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7081-8081>.

*** Doutora e Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bacharelada em Direito pela FESP. Atualmente, é secretária-executiva da UFPB, atuante no Centro de Tecnologia, Campus I. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3834-5090>.

das línguas. A sociedade, por sua vez, delimita a atuação dos sujeitos, impõe as regras e os meios de utilização da linguagem, institui seus signos e os perpassa, por meio das tradições, às gerações futuras. Essa perspectiva, ainda que de forma restrita, assemelha-se às características constitutivas da noção de “fatos sociais” proposta por Émile Durkheim (1858-1917), entendidos como exteriores ao indivíduo e dotados de forças coercitivas.

Palavras-chave: linguagem; fato social; instituição social; William Dwight Whitney.

Reflections on language as a social institution in “The life and growth of language”, by W. D. Whitney (2010)

ABSTRACT

This article aims to examine the main theoretical concepts explored in William Dwight Whitney’s book entitled *The life and growth of language* [*A vida da linguagem*] (2010). This book focuses on the author’s considerations regarding language as a social fact or a social institution. The analyzes are theoretical based on the following studies: Silva (2012) e Silva e Milani (2013) about Whitney’s biobiography. In the first part, we discuss the approach of fundamental concepts of the book, such as *language*, *langue* (*langue*), *thought* and *sign*. After that, we describe language as a social fact or social institution in the author’s postulates. We argue that, in Whitney’s theory, communication is the principle that drives the individual toward the development of language. This individual is conceived as an active agent within society, capable of acting upon it and responsible for the dissemination and transformation of languages. Society, on the other hand, delineates the actions of individuals, imposes the rules and means of language use, establishes its signs, and transmits them, through traditions, to future generations. This perspective, albeit in a limited manner, aligns with the constitutive characteristics of the notion of «social facts» proposed by Émile Durkheim (1858-1917), understood as external to the individual and endowed with coercive forces.

Keywords: language; social fact; social institution; William Dwight Whitney.

Recebido em : 20/03/2025 /Aceito em : 29/09/2025

Introdução

A busca pelo conhecimento sobre a linguagem e sobre como as línguas se desenvolvem tem sido uma constante ao longo da história, empreendida por estudiosos de diferentes tradições e vertentes que, incansavelmente, se esforçaram por contribuir para a ciência linguística e por compreender os processos que a esta se relacionam. Neste artigo, em particular, nos voltamos às ideias de William Dwight Whitney (1827-1894), que pode ser reconhecido como o primeiro autor a conceituar a língua como um fato social – ou, nos termos do estudioso, como uma *instituição social*.

Whitney (2010) concebia a língua como sendo exterior ao indivíduo, uma “posse” da sociedade que é repassada através de tradições e adquirida por meio da aprendizagem, conforme seja possível o contato entre membros de uma determinada comunidade. Em outras palavras, a língua é entendida como anterior ao indivíduo, e as mudanças nela ocorridas resultam da vontade coletiva dos membros de uma sociedade.

Nesse sentido, nenhum indivíduo poderia individualmente modificar uma língua ou estabelecer novos itens lexicais sem que houvesse a aprovação da maioria de seus usuários; daí o caráter social da língua. Por outro lado, o linguista também considerou o indivíduo como um participante ativo no processo de mudança linguística, que pode atuar de forma efetiva como um membro da sociedade a que pertence, contribuindo com as mudanças que se realizam de forma motivada e inconsciente (Whitney, 2010). Assim, o indivíduo, depois de receber e aprender uma língua, trabalha para modificá-la mediante suas necessidades.

O contexto em que Whitney desenvolveu seus estudos, no final do século XIX, era de grande ascensão das ideias evolucionistas de Charles Darwin (1809-1882). Nesse período, reflexões e investigações sobre a linguagem seguiam uma perspectiva biologista, concebendo a língua como um organismo e, conseqüentemente, tratando-a em termos semelhantes a outros elementos da natureza. Essas ideias, embora tenham sido empregadas por Whitney em diversas analogias, eram claramente negadas por ele.

De fato, na contramão das ideias comparatistas, Whitney adota a noção de *instituição social* no desenvolvimento de sua teoria, apoiado no pensamento sociológico de Herbert Spencer (1920-1903) e de William Summer (1840-1910), e ainda na teoria de Émile Durkheim (1858-1917). O linguista teria sido ainda fortemente influenciado pelos conhecimentos que possuía sobre a Geologia e a Arqueologia, os quais exerceram forte interferência sobre o pensamento do século XIX (Silva; Milani, 2013).

Em seu percurso acadêmico, influenciado por um livro que recebera de seu irmão, Josiah, em 1849, Whitney ingressou na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, a fim de aprofundar seus conhecimentos sobre o sânscrito. No início da década de 1850, ele seguiu para Berlim, onde daria continuidade aos seus estudos sob a influência de grandes estudiosos, a exemplo de Franz Bopp (1791-1867). Na Alemanha, o autor conheceu mais a fundo as recentes descobertas ligadas aos estudos comparatistas das línguas europeias. Para ele, no entanto, nada do que havia sido produzido no sânscrito ou pelos comparatistas tinha gerado contribuições para tornar científicos os estudos no campo da linguística (Silva, 2012).

Apesar de a linguística ter sido reconhecida como ciência autônoma apenas a partir de 1916, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, cujas ideias são atribuídas a Ferdinand de Saussure (1857-1913), mudanças significativas foram trazidas para o cenário dos estudos linguísticos pelos neogramáticos, ainda no século XIX, para quem Whitney foi uma fonte de inspiração (Silva; Milani, 2013). As “concepções destes representaram uma mudança na forma de pensar que tiraria de foco os estudos hipotéticos do [indo-europeu] e colocaria no centro do debate a defesa das línguas vivas como o único elemento que poderia constituir o objeto legítimo da investigação linguística” (Silva, 2012, p. 45). Nesse sentido, podemos entender que as contribuições de Whitney sobre como se deveriam fundamentar os estudos da linguagem foram de grande importância para o desenvolvimento da escola neogramática.

Mediante o exposto, neste artigo, nos propusemos a apresentar uma breve discussão das principais concepções teóricas presentes no livro *A vida da linguagem*, de William Dwight Whitney (2010)¹, com foco nas considerações do autor a respeito da língua como um *fato* ou uma *instituição social*. Essa obra pode ser destacada como a melhor fonte para compreendermos o pensamento linguístico geral de Whitney (cf. Ferreira, 2023). Nela, o autor se propõe a delinear “os princípios da ciência linguística e apresentar seus resultados da maneira mais completa possível” (Whitney, 2010, p. 21).

Cabe mencionarmos que, além do referido autor, outros linguistas do final do século XIX e início do século XX também conceituaram a língua como fato social, entre os quais estão Saussure, Antoine Meillet (1866-1936), e William Labov (1927-

¹ Originalmente publicada em língua inglesa, em 1875, sob o título *The life and growth of language*.

2024).² Todavia, a escolha por evidenciar o trabalho de Whitney se deu em função de seu papel fundante na inserção da dimensão social nos estudos da linguagem (cf. Severo; Görski, 2019), bem como de sua importância e de suas contribuições para os estudos linguísticos de maneira geral.

Trata-se de um estudo de natureza bibliográfica, uma vez que nos propusemos a descrever e interpretar os fatos sociais da linguagem conforme apresentados na obra de Whitney. Para isso, nos apoiamos, também, nos escritos de Silva (2012) e Silva e Milani (2013), no intuito de ampliarmos a discussão.

Além desta introdução, o texto se organiza em outras três seções. Na segunda seção, apresentamos os conceitos de *linguagem*, *língua*, *pensamento* e *signo* em Whitney (2010), os quais consideramos fundamentais para se compreender a ideia de língua como fato social na visão do linguista. Na terceira seção, passamos à descrição interpretativa do conceito de língua como *instituição social* na obra. Na quarta e última seção, seguem-se nossas considerações finais.

Alguns conceitos preliminares da teoria de Whitney: *linguagem*, *língua*, *pensamento* e *signo*

Para Whitney (2010), *linguagem* e *língua* possuem conceituações de naturezas distintas e, portanto, não devem ser descritas nos mesmos termos. Segundo ele, a *linguagem* pode ser definida, de maneira geral, como “a expressão do pensamento humano” (Whitney, 2010, p. 17), ou seja, tudo aquilo que

2 Silva e Milani (2013) salientam que tais linguistas compartilhavam o pensamento de que a língua não é adquirida da mesma forma por todos os falantes, visto que estes se inserem em contextos históricos distintos, o que gera modificações no modo como aprendem a língua. Esses autores também são unânimes em relação à ideia de que os falantes internalizam a língua por meio do aprendizado compartilhado com outros indivíduos.

torna um pensamento compreensível ou materializado, sendo esta considerada pelo autor como um “privilégio exclusivo do homem” (Whitney, 2010, p. 18). No entanto, o linguista destaca que, no campo científico, é necessário delimitarmos de modo mais rigoroso o sentido desse termo, a fim de evitar que todas as ações e produtos do homem venham a ser caracterizados como linguagem, justamente por serem também resultado da expressão do seu pensamento.

Desse modo, Whitney então descreve a linguagem humana como “um conjunto de signos articulados” (Whitney, 2010, p. 18), que se materializam por meio de uma capacidade do indivíduo de fazer uso desses signos linguísticos com a finalidade de se comunicar e de expressar o seu pensamento de modo consciente. Mais precisamente, o autor assegura que a linguagem, em sua obra, diz respeito ao “corpo dos signos perceptíveis pelo ouvido pelos quais exprimimos habitualmente o pensamento na sociedade humana e aos quais se ligam de uma maneira secundária os gestos e a escrita” (Whitney, 2010, p. 18). Em outras palavras, considera os sons articulados (a fala) como principal aspecto da linguagem humana, mas pontua como elementos complementares (isto é, que também contribuem no processo de transmissão do pensamento) os gestos, a pantomima, a pintura e a escrita.

Nesse âmbito, cabe destacarmos que *linguagem* e *pensamento* também são, para o linguista, unidades completamente distintas, que possuem funções específicas e existem independentemente um do outro. Apesar disso, Silva (2012, p. 57) esclarece que Whitney reconhecia “a existência de graus de pensamentos, esferas de raciocínios”, que não poderiam se desenvolver sem a ajuda direta da linguagem. Assim, na visão

de Whitney (2010), a linguagem contribui significativamente para a realização do pensamento, e o autor atribui a esta a qualidade de ser uma das mais importantes faculdades que o ser humano tem.

Quanto à *língua*, Whitney (2010) a estabelece como o conjunto dos diversos tipos de signos existentes e utilizados por um determinado povo, que possibilita a realização da linguagem de forma concreta e que somente é compreendida por aqueles que dela se servem. Desse modo, segundo postulados desta teoria, a língua representa “uma grande instituição concreta, um conjunto de usos que prevalece em lugar e tempo determinado”, e a intenção do autor ao estabelecer esse conceito é unicamente “mostrar e descrever esses usos” (Whitney, 2010, p. 152).

Diferentes povos têm (ou tendem a ter) diferentes línguas. Essas línguas, em alguns casos, apresentam semelhanças ou mantêm relações entre si, permitindo inclusive o estabelecimento de diálogos entre seus falantes. Em outros casos, as línguas se diferem completamente, fazendo com que a comunicação entre os indivíduos seja possível apenas mediante seu estudo. De fato, nas palavras de Whitney:

Contudo, essas línguas diferem apenas em alguma medida. Há aquelas que possuem muitas relações entre si, de modo que, com um pouco de esforço e atenção, seus falantes chegam a se entender; há outras que possuem tantas relações que as apreendemos à primeira vista; há ainda outras cujas relações não podemos descobrir senão pelo estudo e pela pesquisa (Whitney, 2010, p. 19).

Grosso modo, podemos trazer como exemplo do primeiro caso a relação entre a língua portuguesa e a língua espanhola. Os falantes dessas duas línguas, em geral, conseguem se

compreender de modo mais fácil devido às semelhanças que estas apresentam. Por outro lado, em determinadas situações, elementos linguísticos que parecem ser idênticos para ambos os falantes carregam sentidos completamente distintos – como no caso da palavra *apelido*, que no português costuma ser utilizada para fazer referência a uma designação particular a algo ou alguém utilizada no lugar de seu nome próprio; enquanto no espanhol refere-se ao sobrenome da pessoa. Essas diferenças, no entanto, podem ser mais facilmente superadas pelos falantes no processo comunicativo.

Já no segundo caso, se pensarmos na comparação entre as línguas japonesa e inglesa, por exemplo, dificilmente falantes de uma que não conheçam a outra conseguirão dialogar, pois os elementos do vocábulo, da gramática e da semântica dessas duas línguas são muito diferentes entre si. A esse fenômeno, Whitney (2010) se refere como *variedade linguística*.

Além das diversidades de línguas, Whitney também traz a noção de diferentes tipos de *dialeto*s, que favorecem a ocorrência de distinções entre as formas de falar dos sujeitos falantes de uma mesma língua. Ele explica, porém, que esse fenômeno não está ligado a questões geográficas ou à pluralidade de raças, mas sim está associado à maneira como os falantes têm acesso à linguagem.

A diversidade de línguas não concorda com as separações geográficas, nem mesmo com a aparente divisão de raças. Não é raro encontrar mais diferenças entre os povos que falam uma mesma língua ou línguas análogas, que entre aqueles se servem de línguas completamente distintas (Whitney, 2010, p. 19).

Segundo a teoria de Whitney, o signo, “toda palavra transmitida” (Whitney, 2010, p. 32), é considerado arbitrário e

convencional. Arbitrário, pelo fato de ser imotivado, isto é, porque não há uma justificativa ou uma regra que determine a utilização de uma palavra para aplicá-la a uma ideia; e convencional dado que o motivo pelo qual se escolhe uma palavra e não outra para representar uma ideia é que a sociedade assim o fez, ou seja, esta já era utilizada por seus indivíduos. Assim, neste modo de ver, o signo é formado pela relação estabelecida entre uma palavra e uma ideia.

Contudo, o linguista chama atenção para o fato de não haver nenhuma relação entre a palavra e a ideia que a ela pertence, ou seja, uma palavra não é capaz de refletir com precisão tudo aquilo que representa e, em função disso, poderia ser substituída por qualquer outro termo. Assim, a ideia precede o signo, e por isso mesmo Whitney (2010, p. 138) afirma: “É preciso dizer, antes, que todo ato de nomenclatura é precedido de concepção; a palavra surge tão logo sua necessidade é sentida. Ela pode se produzir antes mesmo da consciência desta necessidade”.

A palavra “árvore”, por exemplo, recebeu esse nome não porque tem conexão com a sua ideia (planta lenhosa, de porte variável, que tem uma raiz e um tronco fixado no solo, podendo dar frutos ou não), mas em razão de outras pessoas lhe terem atribuído este nome. Neste sentido, Whitney (2010, p. 32) destaca que

o jovem aprendiz compreende, ao menos em alguma medida, a ideia e, em seguida, a associa à palavra, que tem com a ideia somente um laço exterior podendo ser qualquer outra. Não há para a criança um laço interno e necessário entre a palavra e a ideia e ela não conhece as razões históricas que podem ter criado esse laço. Algumas vezes, ela perguntará a propósito de uma palavra: *por que?* do mesmo que ela se interroga sobre todas as outras coisas; mas para o jovem etimologista (e frequentemente para o velho) não importa a resposta

que receba, ou mesmo se receba uma resposta; a única e suficiente razão para empregar uma palavra é que outras pessoas a empregam. (Whitney, 2010, p. 32)

Conforme podemos observar, essa palavra representa o signo que é adquirido no exterior, no convívio em sociedade, e que é colocado em prática através do contato com outros indivíduos. O signo foi, então, empregado em um dado momento pelos sujeitos e passou a ser utilizado pela sociedade em geral. Com o passar do tempo, ele pode permanecer em uso ou sofrer mudanças; estas, por sua vez, contribuem para que se conheça a origem dos signos utilizados na atualidade (Whitney, 2010).

Silva (2012) enfatiza que, mesmo não sendo possível encontrarmos nos estudos de Whitney uma discussão minuciosa sobre *sistema* e *estrutura*, esses termos são utilizados pelo autor para tratar sobre a natureza da língua, e que o estudioso parece utilizar os dois termos de formas correlatas, sendo a noção de sistema aplicada como superior e anterior à noção de estrutura; neste sentido, a língua é considerada como um grande sistema, cuja estrutura se caracteriza como complexa e organizada.

Ressaltamos que a definição de signo é vista também décadas posteriores, nas definições adotadas por Saussure, que também considera os signos arbitrários e convencionais, e ainda apresenta a mesma ideia de Whitney sobre estes, em que se observa a associação entre a palavra e a ideia, conceitos denominados pelo autor de “significado” e “significante”, respectivamente. No entanto, como esse não é foco deste trabalho, não nos aprofundaremos nessas questões e daremos sequência às discussões sobre a obra de Whitney.

A língua como uma *instituição social*

Entre as diversas proposições de Whitney, entender como aprendemos a falar e como cada indivíduo consegue incorporar sua língua constituiu-se como uma das principais temáticas abordadas pelo autor. Como nos esclarece Silva (2012, p. 60), um de seus objetivos era “reconstruir a história da língua, compreendendo-a como um meio que o ser humano desenvolveu para compartilhar seus pensamentos com os demais membros da comunidade”, pois ele acreditava que, através da história das línguas, seria possível chegarmos à compreensão do desenvolvimento das instituições sociais, já que por meio delas é que “as tradições se perpetuam, que as memórias passam para as gerações seguintes [...] e amplia[m] os laços da comunidade”.

Whitney negava a ideia de que o indivíduo herda a sua língua dos seus antepassados assim como herda a cor dos olhos ou o tipo de cabelo, por exemplo, como se esta tivesse relação com a sua “raça”. Ele também era contrário à concepção de que a língua é gerada espontaneamente no ser humano, simultaneamente ao seu desenvolvimento físico e também intelectual (Whitney, 2010). Sobre a primeira dessas concepções, o autor esclarece:

A teoria de que a língua é característica da raça é suficientemente refutada pela existência de uma nação como a nação americana, em que os descendentes dos africanos e dos asiáticos, dos irlandeses, dos alemães e dos povos do sul da Europa falam a mesma língua que os descendentes dos ingleses, sem outras diferenças além daquelas resultantes da localidade e da educação, nenhum deles apresentando traços de outra “língua materna” ou “fala nativa. O mundo está repleto de exemplos parecidos. Toda criança nascida em um país estrangeiro fala a língua desse país, a menos que ela não

tenha contato com os seus falantes; ou então ela fala a língua do país e a dos seus pais, ambas com a mesma facilidade (Whitney, 2010, p. 23).

No que se refere à segunda concepção, que assegura que a língua faz parte da constituição física do indivíduo, que o capacita a produzir de modo inconsciente uma língua semelhante à de seus antepassados, o referido autor destaca que a “tese de que a semelhança geral de constituição intelectual entre os membros de uma sociedade os conduz a formular sistemas de signos semelhantes não poderia se apoiar nos fatos de observação” (Whitney, 2010, p. 24). Isso porque a diversidade e a distribuição das línguas não têm associação com as capacidades naturais, nem com os aspectos físicos dos indivíduos.

Para Whitney, a língua é adquirida por meio do contato social. Este processo de aquisição acontece, inicialmente, já durante a infância, desde os primeiros contatos da criança com os seus pais ou com os demais indivíduos de seu convívio. Isso nos revela que, para o referido autor, não seria por uma questão inata ou metafísica que os indivíduos aprendem a falar, mas sim pelo contato social. A língua, neste sentido, seria repassada por seus usuários às novas gerações. Em função disso, e corroborando esse pensamento, Silva (2012, p. 62) pontua que “a língua é uma das primeiras e mais importantes [aquisições] feita[s] pelo ser humano”.

Whitney elucida que o indivíduo, enquanto criança, primeiramente é levado a reconhecer pessoas próximas e objetos e a observar seus aspectos característicos. Nesse processo, a criança põe em prática seus órgãos vocais, por meio de instintos naturais, bem como pela repetição dos sons produzidos a sua volta:

Ela demora mais a se tornar mestre dos órgãos da fala; mais eis que chega o tempo em que a criança imita os sons tanto quanto os movimentos produzidos pelos que a cercam, podendo produzi-los de forma quase perfeita. Anteriormente, ela havia aprendido a associar os nomes aos objetos que ela via e isso porque o adulto apontava para eles e os nomeava simultaneamente. Aqui se vê, ao menos num certo grau, a superioridade das faculdades humanas (Whitney, 2010, p. 25).

No aprendizado da língua, embora a princípio não faça muito sentido para a criança associar os signos com os sons, por meio da repetição a que está exposta, ela começa a reconhecer as coisas e relacioná-las a seus nomes, antes mesmo de pronunciá-los. Assim, é a partir desse momento que a criança começa a aprender a falar. Whitney (2010, p. 28) explica que, “em todos os aspectos, a linguagem é a expressão do pensamento exercitado e amadurecido, e o jovem aprendiz a adquire tão logo suas capacidades naturais e as circunstâncias o permitem”.

Desse modo, o autor pontua que a criança é considerada capaz de falar quando adquire uma determinada quantidade de signos consideráveis para partilhar as suas necessidades mais básicas; assim, o que ela possui é o essencial da linguagem, ou seja, as palavras mais comuns usadas em seu dia a dia. Entretanto, à medida que cresce e que suas capacidades se desenvolvem, a criança vai introduzindo muitas outras palavras, em diferentes domínios do pensamento e de acordo com o seu ambiente de aprendizado (Whitney, 2010).

É ao longo da vida e através das outras experiências que vivencia, do somatório de estudos que acumula, os quais vão gerando novos conhecimentos, que o indivíduo vai se apropriando e se tornando possuidor de um vocabulário mais rebuscado. Isso revela que o aprendizado da língua acontece de

forma contínua e também gradual. Contudo, mesmo o falante que chega a esse nível jamais conseguirá ser possuidor de todas as palavras (Whitney, 2010).

Aquele que se dedicar aos trabalhos manuais não aprenderá muito mais que o vocabulário técnico de sua profissão; aquele que está sempre se aperfeiçoando e que, mesmo depois dos primeiros estudos, continua durante toda a vida a aumentar a soma de conhecimentos, este se apropriará constantemente de palavras novas e será possuidor de uma fraseologia superior. Ele chegará a possuir todo o vocabulário de pessoas cultas, a compreendê-lo, a utilizá-lo com inteligência. Entretanto, restará uma quantidade que ele não possuirá e formas de estilo que ele não alcançará (Whitney, 2010, p. 37-38).

Segundo Whitney (2010, p. 38), esse fato mostra que “todo crescimento do tesouro linguístico do indivíduo se dá mediante operações exteriores, isto é, lendo, ouvindo, estudando”. Sendo assim, de onde vem a capacidade do indivíduo de organizar seu pensamento e estabelecer a fala nos mais variados contextos comunicativos? Para o linguista, “a faculdade de definir um assunto, de discuti-lo, de estabelecer relações de comparação, só se dá por meio da linguagem” (Whitney, 2010, p. 34). Esta possibilita a estruturação do pensamento, e o autor vai chamá-la de *linguagem interior*.

A linguagem interior é descrita como “a forma mental do pensamento, isto é, o corpo das fórmulas adaptáveis ao pensamento” (Whitney, 2010, p. 34), que permite que o indivíduo adapte as suas ideias aos moldes de sua língua materna. Ou seja, já maduro, no momento de fazer uso da língua, o indivíduo consegue organizá-la e se moldar àquilo que lhe é próprio, escolhendo a maneira mais conveniente de se exprimir e que o torne compreensível. Assim, Whitney (2010, p. 42)

complementa: “Uma língua adquirida é algo imposto de fora ao sujeito e determina os processos e os resultados da atividade cerebral”.

Whitney defendia a ideia de que as línguas mudam: “Toda língua viva está em formação e mudanças constantes” (Whitney, 2010, p. 44). Essa compreensão do autor se dá pelo fato de a linguagem ser tratada como uma instituição inventada pelo ser humano; e, assim como todas as outras instituições sociais, a língua também está suscetível a mudanças. Primeiramente, essas mudanças estariam associadas à tradição, uma vez que é característico das instituições sociais serem repassadas por meio das tradições e, de igual modo, a linguagem. No entanto, nesse processo de transmissão, elas acabam sendo modificadas: “Por um lado, a tradição é, por natureza, imperfeita e inexata; ninguém jamais pode impedir que as coisas que se transmitem de pessoas para pessoas não sejam alteradas” (Whitney, 2010, p. 45).

Por outro lado, as línguas mudam em razão das próprias necessidades dos indivíduos. Whitney (2010) assegura que essa necessidade de mudança parte das alterações que ocorrem em função do desenvolvimento mental dos indivíduos, da expansão do conhecimento e das ciências, das transformações nas instituições, entre outros fatores.

A soma de pensamentos e de conhecimentos que todo indivíduo falante, mediante seus próprios esforços acrescenta à soma geral do pensamento e do conhecimento humanos se molda à soma interna da linguagem existente, ao mesmo tempo em modifica, em certa medida, sua forma exterior (Whitney, 2010, p. 46).

Esta citação corrobora com o entendimento de que as mudanças que ocorrem na língua não são de ordem individual, ou seja, pelo interesse de um indivíduo em particular, como se

este tivesse o poder de criar novas palavras de forma isolada. Ao contrário, essas modificações são o resultado da soma de pensamentos e conhecimentos dos falantes de uma língua. Isso revela que, para haver alterações em uma dada língua, é preciso que haja primeiro a aprovação de seus membros (Whitney, 2010).

Silva (2012) pontua, sobre essa questão da variação linguística, que, para Whitney, as mudanças nas línguas ocorrem no sentido de um progresso constante, ou seja, na direção do aperfeiçoamento; no entanto, essas línguas não mudam da mesma forma, o processo de mudança de uma para a outra pode ser totalmente diferente.

O indivíduo, nesse processo da mudança linguística, é considerado como um ser ativo, que tem participação efetiva. Logo, toda mudança é proveniente de “um ato humano”, o qual é motivado e inconsciente, “ato que tendia a um objetivo sob a influência de um motivo, ainda que o homem que o realizou pudesse não ter consciência refletida desse ato” (Whitney, 2020, p. 143-144). Tal ação dos sujeitos se dá pela influência dos hábitos e circunstâncias.

As necessidades que motivam as alterações linguísticas partem justamente da falta de recursos linguísticos existentes para expressar uma ideia emergente. Desse modo, os homens são levados a providenciar um meio de suprir tal necessidade, e isso acontece de diversas formas, dentre as quais destacam-se a criação de uma nova palavra ou a abreviação de termos já existentes, entre outros. Conseqüentemente, esses acréscimos ocorrem sem que a pessoa tenha consciência de sua ação (Whitney, 2010).

Whitney ainda ressalta que essa ideia é negada pelos indivíduos, uma vez que estes sentem resistência a aceitar a

“ação da vontade humana no desenvolvimento da linguagem”, pois, para isso, seria preciso também assumir os problemas que as línguas apresentam. “Ninguém diz a si mesmo ou aos outros: ‘Nossa língua é defeituosa nisso ou naquilo; ao trabalho! Modifiquemo-la’ ou ‘Levando-se em conta tudo isso essa palavra se tornou inútil; temos que suprimi-la’” (Whitney, 2010, p. 144). Apesar disso, esta ação ocorre, como já destacado, de modo espontâneo, sem que os indivíduos se deem conta.

Ainda sobre isso, o autor esclarece que a variação linguística é gerada em sociedade, ou seja, não é o indivíduo que faz com que a língua mude, mas a sociedade. Entretanto, neste percurso, explica Whitney (2010, p. 150), é “o indivíduo que continua a tradição da linguagem, e somente ele a altera”. Na mesma direção, ele acrescenta:

A participação da sociedade na obra da linguagem se deve a este fato muito simples de que uma língua não é propriedade do indivíduo, mas da coletividade. Ela existe [...] não apenas em parte, mas antes de tudo, como um meio de comunicação entre os homens; seus outros usos são secundários. Para a massa humana, este é mesmo seu único fim, e apenas os homens advertidos têm consciência do papel que a linguagem desempenha em cada mente (Whitney, 2010, p. 146).

Com isso, para que a língua exista é, primeiramente, necessário que esta seja aceita por uma sociedade, por isso, a ação individual sobre a linguagem é limitada e condicional. Nesse sentido, se as modificações e adições realizadas pelos sujeitos não forem aprovadas pela comunidade e preservadas por esta, certamente morrerão (Whitney, 2010).

Reconhecer a sociedade como árbitro soberano, que decide se uma inovação será ou não aceita não é negar a ação individual em matéria de linguagem. É preciso

que alguém comece; se ele é seguido, o trabalho está feito; se ele não é seguido, o trabalho é abortado. A comunicação não pode agir senão pela iniciativa dos indivíduos (Whitney, 2010, p. 147-148).

O sinal de que a palavra foi aceita pela sociedade é o fato de que ela começa a passar de pessoa para pessoa e, em seguida, cai no uso geral; caso contrário, torna-se esquecida. Whitney considerou que algumas mudanças linguísticas são descuidadas, uma vez que são produzidas por sujeitos que não tiveram o zelo de estudá-las bem e, em função disso, não possuíam pleno conhecimento das palavras que empregaram; já outras são resultado da fala de homens “cultos”, que possuíam um conhecimento mais elevado e dele faziam uso quando sentiam a necessidade de nomear um novo elemento.

Assim como cada indivíduo é único e tem suas singularidades, as quais são determinadas por seu caráter, por seus conhecimentos, por sua educação, entre outros fatores, também as línguas apresentam suas particularidades. Estas, por sua vez, são definidas em razão dos diferentes dialetos perceptíveis tanto em localidades diferentes como em uma mesma comunidade. A fim de esclarecer melhor a distinção entre língua e dialeto, o autor pontua que “[...] os signos que cada homem emprega para se exprimir constitui sua língua ou uma língua, mas que não há língua, por mais culta que ela possa ser, que não seja um dialeto pertencente a uma certa classe e a uma certa localidade, grande ou pequena” (Whitney, 2010, p. 169).

Toda língua tem características dialéticas que as distinguem umas das outras. Essas diferenças podem ser marcadas pelos seguintes fatores: *classe social*, *graus de instrução*, *meio e faixa etária*. As classes formadas por diferentes profissões possuem um vocabulário técnico de conhecimento, em geral, restrito

àqueles que atuam em tais ramos. “O carpinteiro, o ferreiro, o mecânico, bem como o médico, o geólogo ou o metafísico pronunciam todos os dias palavras que salvo as pessoas de sua profissão, ninguém compreende, a menos que seja alguém muito bem informado” (Whitney, 2010, p. 151).

Em relação aos graus de instrução, Whitney (2010, p. 151) assegura que “as pessoas perfeitamente bem educadas têm um modo de se exprimir que é inimitável pelo leigo”, enquanto os sujeitos instruídos dispõem de um conjunto de palavras e de nomes que são aceitos e utilizados em todas as classes da sociedade, tornando-se comuns a todos. Por sua vez, “as pessoas incultas empregam uma série de palavras impróprias, construções gramaticais ruins, vícios de pronúncias, gírias, expressões chulas” (Whitney, 2010, p. 151); estas, para o autor, seriam uma tentativa de mudar a linguagem original, antiga e culta, uma tentativa de implementar novas formas, as quais estariam destinadas a, mais tarde, agregarem-se a língua, mas que são repudiadas pela classe culta, por serem classificadas como inovações ruins.

Tais questões também estão associadas a diferenças de faixa etária, que influenciam o modo com que os sujeitos falam, exatamente porque, enquanto jovens, a tendência é que desenvolvam uma linguagem mais limitada se comparada à de um sujeito mais experiente, que, em função de sua vivência, inclusive profissional, já teve a oportunidade de ampliar o seu vocabulário. Estas variações dialetais serão ainda mais expressivas quando, em uma comunidade, a distinção de classes for maior (Whitney, 2010).

Ainda sobre isso, Whitney (2010, p. 151) destaca: “Cada uma dessas diferenças é essencialmente dialetal, isto é, elas são

semelhantes quanto à natureza e distintas quanto ao grau daquelas que constituem os verdadeiros dialetos”. Todas elas constituem desvios do padrão original, identificado apenas por uma classe de indivíduos ou um território, ou, então, seriam memórias de um dado padrão que foi abandonado. O autor cita como exemplo do último caso, as formas de falar rejeitadas pelos ingleses e rotuladas como *americanismos*, “que não é senão o bom velho inglês e muitas particularidades de pronúncia conservadas na Irlanda, provenientes da mesma fonte” (Whitney, 2010, p. 152).

Whitney acentua a necessidade de se caminhar junto com a sociedade a que se pertence, quanto aos usos linguísticos, uma vez que aqueles que não se adaptam às mudanças estabelecidas são considerados iletrados, justamente por se desviarem daquilo que está sendo utilizado pela comunidade de falantes da língua. No entanto, apesar das variações, o autor reforça que a língua é uma só, dado que, muito embora possa haver dificuldades de compreensão em determinados assuntos, existem outros que são mais familiares e de interesse de todos os falantes, os quais sempre possibilitam que os debates aconteçam. Contudo, “a necessidade de mudar se opõe às mudanças e, ao mesmo tempo, a comunicação habitual generaliza rapidamente as mudanças adotadas, de modo que a unidade da língua se mantém na comunidade” (Whitney, 2010, p. 152-153).

Há, desse modo, sociedades que deram origem a suas próprias línguas, estando “circunscrita[s] nos limites da raça”, e outras, por sua vez, que nasceram sempre a partir de uma língua já existente; estas teriam sido “parcialmente ou inteiramente emprestadas das raças estrangeiras”, uma vez que, semelhantemente a outras coisas, como a religião e a ciência, a língua também pode ser trocada ou transferida (Whitney, 2010,

p. 255-256). E isso não acontece por meio do sangue, através do qual são adquiridos os aspectos físicos de uma raça, mas pelo contato social, que possibilita tanto o seu aprendizado como a sua propagação.

Diante de tudo isso, podemos entender que, no caminho da aprendizagem e disseminação da língua, indivíduos e sociedade cumprem papéis que são fundamentais, como já foi pontuado ao longo do texto. No entanto, como afirma Whitney (2010, p. 255), “Certamente essa sociedade por mais inferior que seja, saberá sempre mais que o indivíduo mais bem dotado poderia saber, sozinho, estudando durante todo o curso de sua vida”. Assim, a real materialização da língua somente ocorrerá em sociedade, logo, a sua importância está em possibilitar ao indivíduo a aquisição e o desenvolvimento contínuo, uma vez que é em sociedade que o indivíduo colocará em prática esta capacidade.

Por outro lado, é por meio do indivíduo que a língua ganha vida; e ele é o responsável por sua permanência. Logo, sem o indivíduo, não há sociedade; e sem esta, não há necessidade de linguagem. A língua é necessária aos sujeitos para que estes possam se tornar aceitos pela comunidade na qual estão inseridos, bem como para fornecer meios para a efetivação de suas funções como membros da sociedade. Assim, língua e sociedade andam juntas e são fundamentais para a realização uma da outra.

Considerações finais

No processo de análise da teoria de Whitney, observamos que no ponto central está a necessidade da comunicação. Isso fica claro quando o autor afirma que a “causa que produz essa mudança e que contém em germe toda a história da linguagem

é a vontade de se comunicar” (Whitney, 2010, p. 258). Tal necessidade impulsiona o indivíduo, desde criança, a desenvolver a capacidade de fala, que é adquirida por meio do aprendizado, mediante o desejo e o impulso de se fazer compreendido por aqueles que estão à sua volta e de se inserir, de forma efetiva, entre aqueles que fazem parte do seu convívio mais restrito, ainda que isso aconteça de forma inconsciente. Na fase adulta, o sujeito, que já domina a língua, tem condições de atuar em sociedade e de exercer influência naquilo que se estabelece nesta, inclusive no que se refere à língua. Isso marca a ideia de *ator social*, descrita por Whitney, o qual é considerado como um ser ativo e construtivo no processo de estabelecimento de uma língua.

Contudo, seja na fase infante ou na fase adulta, a comunicação é o princípio que move o indivíduo em direção ao desenvolvimento da linguagem: “Eis aí o que transforma o instinto em intenção”, assegura Whitney (2010, p. 258). A sociedade, por sua vez, impõe ao indivíduo as regras e os meios de utilização da linguagem, institui seus signos e os perpassa, por meio das tradições, às gerações futuras. Esta ainda delimita a atuação dos sujeitos, acatando ou não as mudanças formadas por estes. Assim, concordamos com o posicionamento de Whitney, uma vez que, por ser um produto da sociedade, a língua é considerada como um fato social, sendo-lhe anterior e exterior.

Embora Whitney nunca tenha se referido explicitamente à língua como um *fato social*, mas sim como uma *instituição social*, sua abordagem do conceito de língua apresenta características que convergem para essa definição e guardam semelhanças com seus aspectos constitutivos. Nesse ponto, estamos de acordo com Silva (2012), quando afirma que sua definição de língua,

por tudo o que representa, se encaixa, ainda que restritamente, na concepção dos fatos sociais apresentada por Émile Durkheim, teórico do campo da sociologia que primeiro trabalhou a noção de fatos sociais, os quais foram concebidos como exteriores ao indivíduo e dotados de forças coercitivas. Afirmamos que isso se dá de forma restrita porque Whitney compreendia o indivíduo como um ser ativo na sociedade, capaz de agir sobre ela e responsável pela disseminação e pelas transformações das línguas.

Por fim, destacamos que a obra de Whitney, de modo geral, trouxe grandes contribuições para o desenvolvimento dos estudos da linguagem, os quais repercutiram nas obras de outros autores importantes, tais como Ferdinand de Saussure e William Labov, que, a partir de seus estudos, tiveram condições de aprofundar o conceito de língua como fato social, muito embora, em alguns aspectos, esses autores tratassem o conceito com perspectivas díspares àquelas apresentadas pelo autor. Além disso, ressaltamos que a obra forneceu suporte para as bases dos estudos da linguística moderna, tal como a importante definição de signo. *A vida da linguagem* revela o seu caráter de originalidade e inovação, principalmente se levarmos em consideração o momento em que foi elaborada, típico de um autor de espírito moderno e ousado, como Whitney.

Referências

FERREIRA, E. G. de M. Aspectos sociais da linguagem nas ideias de William Dwight Whitney (1827-1894): notas historiográficas. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 17, e1733, p. 1-31, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14393/DLv17a2023-33>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/69213>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M. Revisitando Whitney: das dimensões social e política no estudo da linguagem. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 41, n. 1, e43009, p. 1-12, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43009>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/43009>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SILVA, D. M. da. *Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos*. 2012. 162 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2012.

SILVA, D. M. da; MILANI, S. E. Whitney, Saussure, Meillet e Labov: a língua como um fato social. In: *Simpósio Internacional de Letras e Línguas*, 3, 2013, Uberlândia: EDUFU. Anais Eletrônicos, p. 1-11, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/1905.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

WHITNEY, W. D. *A vida da linguagem*. Tradução de Márcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010.